

A Revista HISTEDBR On-line publica artigos resultantes de estudos e pesquisas científicas que abordam a educação como fenômeno social em sua vinculação com a reflexão histórica

**Correspondência ao Autor**

**Nome:** Damaris da Costa Alcídia Melgaço

**E-mail:** damarismelgaco@gmail.com

**Instituição:** Universidade Estadual de Campinas, Brasil

**Submetido:** 21/08/2023

**Aprovado:** 18/01/2024

**Publicado:** 19/04/2024

 10.20396/rho.v24i00.8674334

**e-Location:** e024016

**ISSN:** 1676-2584

**Como citar ABNT (NBR 6023):**

MELGAÇO, D. da C. A.; SANTOS, L. R. dos; TOLEDO, D. A. da C. Trabalho & cinema: correlações culturais na análise fílmica de “7 prisioneiros”.

Revista HISTEDBR On-line, Campinas, SP, v. 24, p. 1-23, 2024. DOI:

10.20396/rho.v24i00.8674334.

Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8674334>. Acesso em: 19 abr. 2024.

Distribuído Sobre




Checagem Antiplágio



## TRABALHO & CINEMA: CORRELAÇÕES CULTURAIS NA ANÁLISE FÍLMICA DE “7 PRISIONEIROS”

 **Damaris Alcídia da Costa Melgaço\***  
Universidade Estadual de Campinas

 **Luis Ronaldo dos Santos\*\***  
Prefeitura Municipal de Boa Esperança

 **Dimitri Augusto da Cunha Toledo\*\*\***  
Universidade Federal de Alfenas

### RESUMO

O cinema além de retratar vivências de períodos históricos, também pode ser compreendido como um meio educativo revelando possibilidades para o desenvolvimento da perspectiva crítica de análise fílmica. Além disso, é fonte cultural que pode condicionar e constituir dimensões de estruturas sociais. Por conta da relevância do cinema na compreensão destas dimensões, nos propomos a estudar e discutir a categoria Trabalho e às relações de precarização do trabalho e da vida no Brasil, alienação e a mercadorização do trabalhador por intermédio da análise fílmica da película “Sete prisioneiros” (2021). Para tanto, foram escolhidos trechos do filme, os quais foram analisados a partir dos referenciais teóricos de autores como Marx (1818-1883) e Williams (1921-1988). Dentre as principais contribuições deste artigo, destacamos a possibilidade de aproximar e dialogar os campos das Relações de Trabalho e Cinema, através do método de análise fílmica dos Estudos Culturais de Williams como instrumento de análise teórico-empírico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Trabalho. Cinema. Crítica fílmica. Materialismo cultural.

**WORK & CINEMA: CULTURAL CORRELATIONS IN THE FILM ANALYSIS OF “7 PRISONERS”**

**Abstract**

The cinema, in addition to portraying experiences of historical periods, can also be understood as an educational medium revealing possibilities for the development of the critical perspective of film analysis. Furthermore, it is a cultural source that can condition and constitute dimensions of social structures. Due to the relevance of cinema in the understanding of these dimensions, we propose to study and discuss the work category and the relations of precariousness of work and life in Brazil, alienation and the commodification of the worker through the film analysis of the film “Seven prisoners” (2021). For that, excerpts from the film were chosen, which were analyzed from the theoretical references of authors such as Marx (1818-1883) and Williams (1921-1988). Among the main contributions of this article, we highlight the possibility of approaching and dialoguing the fields of Work Relations and Cinema, through the method of film analysis of Cultural Studies by Williams as an instrument of theoretical-empirical analysis.

**Keywords:** Work. Cinema. Film criticism. Cultural materialism.

**TRABAJO Y CINE: RELACIONES CULTURALES EN EL ANÁLISIS PELÍCULA DE “7 PRISIONEROS”**

**Resumen**

El cine, además de retratar experiencias de períodos históricos, también puede entenderse como un medio educativo que revela posibilidades para el desarrollo de la perspectiva crítica del análisis fílmico. Además, es una fuente cultural que puede condicionar y constituir dimensiones de las estructuras sociales. Debido a la relevancia del cine en la comprensión de estas dimensiones, nos proponemos estudiar y discutir la categoría Trabajo y las relaciones precarias de trabajo y vida en Brasil, la alienación y la mercantilización del trabajador a través del análisis fílmico de la película “Siete presos” (2021). Para ello, se eligieron extractos de la película, los cuales fueron analizados a partir de los referentes teóricos de autores como Marx (1818-1883) y Williams (1921-1988). Entre los principales aportes de este artículo, destacamos la posibilidad de abordar y dialogar los campos de las Relaciones Laborales y el Cine, a través del método de análisis fílmico de los Estudios Culturales de Williams como instrumento de análisis teórico-empírico.

**Palabras clave:** Trabajo. Cine. Crítica cinematográfica. Materialismo cultural.

## INTRODUÇÃO

Marx (2013) afirma que o trabalho é atividade humana necessária, um processo de produção que se inicia na interação objetual entre o homem e a natureza. Portanto, o trabalho é o resultado da intervenção do homem sobre a natureza que; ao mesmo tempo em que a transforma, por ela é transformado. Racionalmente, o trabalho, à luz da semiótica, é uma invenção humana dotada de significado e que, portanto; pode ser considerado uma invenção categórica. Aliás, foi o que Marx (2013) fez, dotou o trabalho de um sentido categorial, dando-lhe um significante, “[...] o existir em sociedade”, ou seja; uma das formas do ser social conceber-se na e com a natureza.

As transformações do objeto do trabalho que possui um objetivo anterior ocorrem no processo de trabalho que é atividade humana e que acontece com a colaboração dos meios de produção. A questão principal é como este processo desaparece no produto, restando sua forma aparente de valor de uso. O produto ou objeto acaba por extinguir o processo que antecedeu a sua produção. Observa-se que as noções de necessidade acabam mascaradas dentro do produto e de toda a elaboração material de sua finalização. Todo o processo produtivo desde a sua idealização, descobertas da matéria-prima, divisão do trabalho em partes na construção do produto final, que teve como mão de obra toda a força do trabalho dos indivíduos sociais se dissipa (Marx, 2013).

A mercadoria passa a ser a essência e a sua mercantilização a necessidade criada pelo sistema monetário capitalista. Pode-se afirmar que “O trabalho se incorporou a seu objeto. Ele está objetivado, e o objeto está trabalhado” (Marx, 2013, p. 330). No entanto, quem o produziu não pode usufruí-lo, já que não detém o poder de compra da sua própria produção. Marx (2013) afirma que o capitalista detém o trabalho e o controle daquele que trabalha e que o produto deste trabalho é de sua propriedade e não de quem o produz, sendo estes dois fenômenos específicos do processo de trabalho.

Compreendendo-se, portanto, a similaridade existente entre a força de trabalho e o próprio trabalho, assimila-se que o capitalista é aquele que compra e consome a força de trabalho, impondo àquele que a vende, o trabalho. Cada ser social pode ser compreendido como a representação desta venda do potencial humano em ação, porém na lógica perversa do Capital, já não basta o trabalho, este; precisa vir acompanhado dos aparatos de outras produções humanas já mercantilizadas. Afinal, o produto, já incorpora um valor de uso, sendo na sociedade fabril, imposta como uma necessidade de consumo, uma mercadoria que se opõe ao trabalhador, já que não basta apenas ser possuidor da força de trabalho, é preciso consumir através da moeda o resultado do seu próprio trabalho. “Assim, o que o capitalista faz o trabalhador produzir é um valor de uso particular, um artigo determinado” (Marx, 2013, p. 326).

É importante assinalar que o processo de produção capitalista não inicia sem uma historicidade anterior, mas ganha forças com a revolução industrial, ampliando as formas de apropriação do trabalho (Gournet, 1999; Harvey, 1992). Portanto, é um processo que inicia

anteriormente, mas que ganha formas mais cruéis na medida em que institucionaliza o trabalho e o engendra dentro de uma teia que objetiva apropriar-se da força de trabalho do trabalhador, com o fim único de acumular capital nas mãos de poucos.

E, para nosso capitalista, trata-se de duas coisas. Primeiramente, ele quer produzir um valor de uso que tenha um valor de troca, isto é, um artigo destinado à venda, uma mercadoria. Em segundo lugar, quer produzir uma mercadoria cujo valor seja maior do que a soma do valor das mercadorias requeridas para sua produção, os meios de produção e a força de trabalho, para cuja compra ele adiantou seu dinheiro no mercado. Ele quer produzir não só um valor de uso, mas uma mercadoria; não só valor de uso, mas valor, e não só valor, mas também mais-valor (Marx, 2013, p. 337).

Em meio às contradições existentes na sociedade do Capital, percebe-se que o ser social passa a viver uma vida afastada do seu real sentido. Desta forma, se vê atrelado ao sistema capitalista que impõe trabalho e existência pautados em interesses financeiros. A este indivíduo, resta o (des)sentir, uma espécie de torpor existente nesta sociedade que prioriza o lucro. Evidenciam-se, neste momento, as transformações perversas da degradação em ampliação na relação funcional entre homem e natureza que é determinada pela lógica social, cuja direção está, em primeiro lugar, orientada “[...] para a produção de mercadorias e para a valorização do capital” (Antunes, 2009, p. 17).

As relações de segunda ordem do capital, que sobrepujam as mediações primárias (marxiana), cuja mediação estabelece um composto de trocas que se harmonizam às necessidades humanas coletivas, (Antunes, 2009) podem ser percebidas na quotidianidade social humana quando o dinheiro e a produção para troca levam os atores sociais a compactuarem com o sistema e a reproduzirem as formas vis de expropriação dos direitos de seus semelhantes na práxis social. A práxis reiterativa aparece evocada dentro da conjuntura estrutural. O ser social passa a ser a representação do alienado inconformado. Alienado porque se submete às lógicas estruturais, mas que a todo instante pode retomar a reflexão de um sentido (Vázquez, 2011). Afinal, deve haver um sentido maior do que as estruturas a que ele se submete. Percebe-se que, como possibilidade, a única saída encontrada pelo trabalhador parece ser a ruptura com a estrutura social, tornando-se um desajustado.

Verifica-se que na atualidade esta decisão de desajuste acontece de forma involuntária. O trabalhador encontra-se jogado nas teias da exclusão do trabalho. As formas cruéis de contratação, observadas nas relações de trabalho, dos trabalhadores irregulares, agora se estendem para uma exploração legalizada. Se antes o trabalhador escolhia não ter a carteira de trabalho assinada, agora ele se vê obrigado às novas modalidades do processo produtivo. “Em síntese: houve desproletarização do trabalho manual, industrial e fabril; heterogeneização, subproletarização e precarização do trabalho. Diminuição do operariado industrial tradicional e aumento da classe-que-vive-do-trabalho” (Antunes, 2009, p. 207).

Diante disto, resta-nos refletir que o ser social ao longo do tempo foi se tornando

cada vez mais prisioneiro dessas estruturas e que embora ele tente se livrar destas teias, acaba por ser cada vez mais enredado nas amarras do sistema. Quanto mais terceirizado o serviço, menor o salário, os benefícios e as garantias trabalhistas. O trabalho informal, por contrato temporário e determinado, assume a linha de frente, quando não se manifesta em acordos verbais, sem Carteira de Trabalho e Previdência Social assinada (Druck; Borges, 2002).

As relações de trabalho cada vez mais precarizadas pós-toyotismo e a Uberização do processo produtivo como a representação máxima da acumulação capitalista, que interage nos processos mediatórios; onde trabalhador é incluído de forma mais ampla em novos modelos de exploração, cuja finalidade é, sem dúvida, a busca de mais-valia; colocam o trabalhador em condições análogas à escravidão. E neste caso, é o próprio trabalhador que assume os riscos e as responsabilidades pelos meios de produção de sua própria atividade produtiva. Se antes o capitalista devia incluir nas despesas os gastos com os meios de produção e a força de trabalho, agora ele terceiriza os custos e os coloca sobre as costas do trabalhador (Franco; Ferraz, 2019). O trabalho ganha novas perspectivas, as imateriais. A informação tornou-se capital e mercadoria, pois ela assume a cada instante elemento formador dos meios de produção, culminando em objeto de trabalho, ao mesmo tempo em que, por processos de determinação da produção, incorpora-se na sociedade como mercadoria (Melo Neto, 2006).

Por estranhar-se ao objeto que ele mesmo produz, o indivíduo se contrapõe a ele, como se este fosse algo separado de si. Corporificando uma força contrária, mas que é necessária à sua própria subsistência e que deve ser adquirido na ótica do maior esforço. No entanto, quanto mais o ser social produz, menos ele pode obter e mais se submete ao capital, perdendo sua capacidade de validação. “Apoderando-se da natureza pelo trabalho, o trabalhador se priva em igual escala dos meios de existência física, produzindo assim escassez mortal” (Rosa *et al.*, 2021, p. 334).

Considerando que os estudos da categoria “Trabalho” em Marx e Engels foram, historicamente, perpassados pela luta de classes contra toda exploração, dominação e alienação do trabalhador, a análise fílmica, enquanto promotora de reflexões críticas pode contribuir para a ampliação das intersecções existentes entre a arte, especificamente o cinema, e a cultura, que são a seu tempo representações de períodos históricos e factuais. Desta forma, é possível analisar criticamente as estruturas sociais presentes e tipificadas sob diversas temáticas dentro de uma película fílmica, considerando o seu roteiro, produção e demais recursos.

Neste sentido, o presente trabalho pretende contribuir com os estudos e discussões acerca da categoria “Trabalho” e das relações existentes dentro da mesma, como por exemplo a precarização do trabalho e da vida no Brasil, alienação e a mercadorização do trabalhador através da análise fílmica da película “7 Prisioneiros”. Para tanto, buscou-se um autor de tradição marxista, Raymond Williams, para a partir de seu método, Estudos Culturais, fazer as referidas análises, como verificaremos a seguir.

## MATERIALISMO CULTURAL DE RAYMOND WILLIAMS E O CINEMA

Raymond Williams (1921-1988) é um autor que pautou sua pesquisa nos estudos da cultura. No entanto, destaca-se pela ruptura com as vertentes que compreendem a cultura como um estudo predominante, ou seja; que está acima, hierarquicamente, da economia e da política. Este autor, antes de tudo, a partir de um referencial marxista se assume um autor e intelectual socialista, cujo posicionamento político cerca a sua obra. Por se tratar de um estudioso que percorreu diferentes disciplinas lincando-as à sua proposta tanto teórica, como metodológica; que entende os diversos fenômenos culturais como parte integrativa da totalidade econômica, política e social, este autor assume como centralidade dentro de sua teoria o “Materialismo Cultural” (Guimarães; Baute, 2020; Williams, 2011a).

O Materialismo Cultural, portanto, é o resultado de uma reconsideração do lugar ocupado pela cultura no marxismo, sendo Williams um dos autores que inserem os Estudos Culturais dentro da teoria de Marx. É importante ressaltar que para este autor “[...] a determinação última das relações sociais e culturais é a economia, embora o entendimento do que seja a ‘economia’ varie consideravelmente entre as correntes teóricas marxistas” (Glaser, 2011).

É o próprio Williams (2011a) quem informa as condições temporais para a definição de sua teoria, cerca de trinta anos de estudos. O autor expõe que essa transição foi um processo muito complexo, já que ele necessitou se desvencilhar da herança da teoria marxista na Grã-Bretanha desde 1945, legitimação, acadêmico e operante, sendo necessário realizar transições teóricas e de investigação para chegar no construto final de seu estudo.

O que eu gostaria de afirmar ter alcançado ... é uma teoria da cultura como um processo (social e material) produtivo e de práticas específicas e das “artes” como uso sociais dos meios materiais de produção (desde a linguagem como “consciência prática” material até as tecnologias específicas da escrita e das formas de escrita, por meio de sistemas mecânicos e eletrônicos de comunicação) (Williams, 2011a, p. 332).

Em sua práxis, Williams dedicou-se a docência, à crítica cultural, à literatura e às telenovelas, agregando uma ampla gama de estudos, os quais interessam aos pesquisadores das artes e das comunicações, como por exemplo: *Cultura e Sociedade: de Coleridge a Orwell* (1958), o livro mais vendido *The Long Revolution* (1961), *Televisão: tecnologia e forma cultural* (1974) e *Marxismo e Literatura* (1977). No entanto, Williams tem poucas produções na área do cinema e há poucos estudos de cinema em discussão. É importante salientar que não faltam estudos individuais e reconhecidos deste autor que abordam os meios de comunicação e em específico a televisão. O que ocorre é que poucos tem se debruçado sobre a análise fílmica. “A produção de Williams sobre o cinema, ainda que em menor quantidade em seu corpus teórico, é significativa” (Guimarães; Baute, 2020, p. 16).

Para que haja compreensão de um projeto erudito ou criativo é necessário

compreender a sua origem social, porque a inter-relação existente entre um projeto e a sua gênese é o ponto de decisão. Logo, os Estudos Culturais colocam em destaque um comprometimento tanto com o projeto quanto com a sua origem, abstendo-se de priorizar um em detrimento ao outro; ou seja, não deve dar mais valor ao processo criativo do que ao seu contexto social, econômico e político, gênese da arte ou projeto artístico (Williams, 2011b). Diretamente relacionado ao cinema, como educador Williams defendeu pensamentos e projetos que fizessem a utilização do filme, objetivando a educação, como tema para aulas com adultos, sendo seu livro em coautoria de Michael Orrom “Preface to Film” um marco de sua produção (Paixão; Trevisan, 2019).

Seu método, portanto, não ignora questões essenciais de base marxiana, bem como as ampliações teóricas de estudiosos como Lukács e Gramsci. Do primeiro autor aproxima-se aos estudos da totalidade social e do segundo aos estudos da hegemonia (Williams, 2011a).

[...] a questão-chave sobre qualquer noção de totalidade na teoria da cultura é se essa noção inclui a de intenção ... embora seja verdade que qualquer sociedade é um todo complexo de tais práticas, também é verdade que toda sociedade tem uma organização e uma estrutura específica, e que os princípios dessa organização e estrutura podem ser vistos ... diretamente relacionados a certas intenções sociais ... podemos usar corretamente a noção de totalidade apenas quando a combinamos com o conceito marxista crucial de “hegemonia” (Williams, 2011a, p. 51).

É importante salientar que a hegemonia tem em si uma vantagem sobre as outras concepções gerais da totalidade, porque dá ênfase, também; a existência de uma realidade dominante, ou seja; há uma compreensão de que, não importando a sociedade ou o período histórico específico, existe um complexo cêntrico de ações, sentidos, crenças, normas e regras que são hegemônicos e funcionais. Em suma, hegemonia dá o sentido da realidade social, um sentido absoluto, na medida em que é difícil se desvencilhar dele, por corresponder a vivência coletiva, que influi em diversas áreas da vida do ser social (Williams, 2011a).

De posse dos aportes teóricos desses dois autores, Marx e Williams, pretendeu-se trabalhar sob a perspectiva do materialismo, que centraliza a análise dos fenômenos em oposição ao idealismo, ou seja; pauta-se nas condições materiais que são expressas nas relações humanas. Portanto, não é intenção pautar o estudo em ideias, conceitos ou formas, nem tão pouco em suposições metafísicas, imateriais e de transcendência. A análise objetiva partiu das relações concretas para explorar o objeto de estudo, no caso a película fílmica “7 Prisioneiros”. Esse critério serviu como sustentação para a construção da coleta e análise dos dados nesta obra fílmica. A seguir serão revelados os aspectos metodológicos desse trabalho, bem como os procedimentos técnicos adotados.

## ASPECTOS METODOLÓGICOS

A escolha da obra seguiu o critério de ser um filme que tratava sobre questões que envolviam o trabalho em seu sentido ontológico, já a definição de 7 prisioneiros como a obra escolhida foi por conveniência e por se tratar de um filme bem recente. Nesse sentido abordamos uma análise de conteúdo segundo (Penafria, 2009), detalhando algumas cenas que dialogam com o tema proposto.

O método utilizado foi o dos Estudos Culturais de Raymond Williams. Este autor entende que o cinema pode ter um papel ativo na educação para a crítica fílmica de estudantes adultos e que o seu produto, o filme, serve para a ampliação do conhecimento histórico a partir da análise contextual da trama cinematográfica, podendo contribuir como um rico material analítico cultural configurado à determinada época, podendo também apontar cristalizações sociais, pensamentos e fluxos culturais (Paixão; Trevisan, 2019). Por ser um teórico que caminha na mesma linha de pesquisa de Karl Marx este autor é fundamental para o olhar mais apurado dos pesquisadores que têm como matéria-prima a sociedade burguesa.

Partindo do método analítico deste autor a película foi assistida, na primeira vez sem predeterminações, para uma análise do contexto, levantamento das possibilidades interpretativas visíveis e invisíveis e anotações dos pesquisadores das temáticas livres existentes dentro dos estudos a que os mesmos se propuseram pesquisar, sem deixar de considerar os estágios culturais dos próprios pesquisadores. A análise crítica da película não ignora as subjetividades de quem a assiste e se propõe, dialeticamente, a confrontar o pesquisador com a sua própria cultura e a cultura social presente nas determinações sociais, políticas e econômicas, relativas ao contexto histórico vigente.

Para a seleção da sequência de cenas filmadas mais condizentes com a temática abordada foi necessária uma nova expectativa da trama, bem como para transcrição das falas e discursos mais apropriados para a análise crítica fílmica. De posse dos trechos mais relevantes pode-se relacionar os conteúdos de representação social e cultural à luz da teoria do Materialismo Cultural de Williams, respeitando o arcabouço teórico de Marx sobre o trabalho a fim de construir a análise crítica do filme.

## **“7 PRISIONEIROS”: CATEGORIA TRABALHO À LUZ CRÍTICA DE MARX E WILLIAMS, UMA ANÁLISE FÍLMICA**

O filme nacional, “7 prisioneiros”, dirigido por Alex Moratto foi produzido por Fernando Meirelles, Ramin Bahrami, Andrea Barata Ribeiro e o próprio Moratto (Adorocinema, 2021), na sequência o quadro 1 traz algumas informações sobre a produção cinematográfica.



Quadro 1 – Ficha técnica do filme “7 prisioneiros”

<b>Título</b>	7 Prisioneiros	<b>Direção</b>	Alexandre Moratto
<b>Lançamento</b>	Setembro/ 2021	<b>Distribuidor</b>	Netflix
<b>País</b>	Brasil	<b>Orçamento</b>	Aproximadamente R\$ 36.000,00 (Guglielmelli, 2021)
<b>Gênero</b>	Drama	<b>Tempo de duração</b>	93 minutos
<b>Elenco com nomes dos atores e seus personagens</b>			
Christian Malheiros – Matheus; Rodrigo Santoro – Luca; Lucas Oranmian – Isaque; Vitor Julian – Ezequiel; Bruno Rocha – Samuel e Clayton Mariano – Político Bianchi			

Fonte: Adaptado de Medeiros, Valadão Júnior e Possas (2015).

O filme retrata um cenário de trabalho análogo a escravidão em pleno século XXI, mas conforme Paulo Netto (2011), à luz de Marx, é necessário um aprofundamento do estudo do objeto, buscando sempre observar além de sua aparência, para assim poder compreendê-lo em sua essência; de forma que ao mesmo tempo em que se compreende o objeto, também pode-se transformá-lo e por ele ser transformado, assim torna-se possível desvelar as relações socioculturais entre o homem e o trabalho.

Os atores principais, Rodrigo Santoro que interpreta o “Luca” e Christian Malheiros que dá vida ao “Matheus”, em entrevista a Bruno Botelho (Adorocinema,2021) retratam bem como foi a dificuldade para sair do binômio “bandido x mocinho” em que fatalmente seus personagens poderiam cair, dando a narrativa certa humanização que resultou em cenas qualitativamente complexas que retratam o cotidiano do trabalho que perpassam a vida das personagens e suas escolhas.

Dito isso, o filme ao tratar assuntos complexos do mundo do trabalho e seus efeitos na sociedade, traz para o cinema uma realidade não tão distante do cotidiano de grande parte da população brasileira, se não pela similaridade do tráfico humano e do trabalho escravo, que nos últimos anos têm afligido pessoas necessitadas de renda e em situação de extrema pobreza no Brasil, conforme dados divulgados pelo Observatório da Erradicação do Trabalho Escravo e do Tráfico de Pessoas em 2021 (Passos, 2021). Em 2023, observa-se a intensificação destas condições de trabalho que se apresentam no decorrer do filme como a informalidade, precarização do trabalho e da vida, alienação e mercadorização do trabalhador. Um exemplo significativo disto é a materialização deste tipo de relações trabalhistas no cotidiano brasileiro e que podem ser observados nas denúncias ocorridas no Rio Grande do Sul - caso das vinícolas Aurora, Garibaldi e Salton - (Casemiro; Moreira 2023), bem como do Festival Lollapalooza (Silva, 2023).

Em síntese, o filme conta a história de quatro jovens que viviam no interior do estado de São Paulo, e conseguem a promessa de emprego na capital paulista. Eles têm o objetivo de conseguir através do trabalho melhorar suas condições de vida e de seus familiares. Todavia, eles nem imaginam os desafios que terão que enfrentar, esses desafios estão relacionados com o mundo do trabalho e os transformarão. Deste modo, a obra consegue

comunicar com o cotidiano e possibilita-nos uma reflexão crítica acerca de vários temas relacionados ao mundo do trabalho.

À semelhança de Williams em sua análise de *Morangos Silvestres* (Paixão; Trevisan, 2019), optou-se por uma análise detalhada de sequências do filme “7 Prisioneiros”, realizando uma descrição nivelada de uma sequência de 14 minutos e 53 segundos de filme. Foi possível apontar os ângulos, personagens, discursos e cenários, bem como as principais narrativas e temáticas abordadas pelos roteiristas. Após essa visão panorâmica, mergulhou-se nas cenas escolhidas para, finalmente; construir um texto semelhante ao roteiro, cujo objetivo foi a uma análise mais rica dotando essas descrições de um maior sentido e significado. Portanto, optou-se pela análise de uma parte do filme e não o filme todo, conforme pode ser observado no quadro abaixo.

Quadro 2 – Análise das referências mais pertinentes à temática do filme “7 prisioneiros” e as correlações com a categoria trabalho.

(continua)

		"7 Prisioneiros"					
Tempo do filme		Cena 1	Cena 2	Cena 3	Cena 4	Cena 5	Cena 6
(44s; 1h 11min e 3s)	Referência de Liberdade à natureza						
(8m e 50s)	Trabalho informal						
(12m e 45s; 14m) (33m e 9s)	Organização do trabalho						
(10m e 40s)	Escolarização e trabalho						
(11m e 6s)	Precariedade da vida como instrumento para a exploração						
(9m e 20s; 13m e 5s)	Precarização do trabalho, altas jornadas, condições insalubres						
		"7 Prisioneiros"					
Tempo do filme		Cena 7	Cena 8	Cena 9	Cena 10	Cena 11	Cena 12
(17m e 25s)	Dívidas consignadas ao trabalho						
(52m e 45s)	Alienação frente ao produto do trabalho						

Quadro 2 – Análise das referências mais pertinentes à temática do filme “7 prisioneiros” e as correlações com a categoria trabalho.

(conclusão)

(58m e 10s)	Discurso individualista e competitivo que ressalta a descartabilidade do trabalhador	
(31m e 28s; 38m e 15s; 40m e 12s; 1h 11m e 40s)	Humanização da exploração	
(58m e 10s)	Organização dos trabalhadores, o fiscal	
(55m e 20s)	Transformação do trabalhador em mercadoria	
(1h e 21m).	Cena 13	O explorado se tornando explorador

Fonte: Autoria própria.

Destacamos dentre as cenas informadas no quadro acima seis trechos<sup>1</sup> que embasam muito bem a discussão sobre a categoria Trabalho, como: a) - o trabalho informal; b) - precariedade da vida como instrumento para a exploração; c) - precarização do trabalho; d) - dívidas consignadas no salário; e) - humanização da exploração; f) – mercadorização do trabalhador, os quais vamos analisar a seguir.

## O TRABALHO INFORMAL

No diálogo abaixo observamos indícios da informalidade na contratação dos jovens, onde Luca ironiza a preocupação de Mateus, já em outra cena quando é interpelado pelos fiscais do Ministério do Trabalho sobre os documentos e Luca responde: “[...] a documentação está lá no escritório”, na tentativa de enrolar e atrasá-los, evidenciando a falta de contrato formal de trabalho, uma prática que vem aumentando no país desde 1990 com a reestruturação produtiva, o neoliberalismo e a globalização (Druck; Borges, 2002). O caso retratado pelo filme é o de uma situação de trabalho escravo, porém que se inicia como qualquer situação de trabalho onde a preocupação do empregador é garantir a produção e uma boa margem de lucro.

Quadro 3 – Diálogo entre Luca e Mateus sobre o contrato de trabalho.

Luca: _ vou precisar dos documentos de vocês. Trouxeram o RG?
Mateus: _ posso saber pra quê Seu Luca?
Luca: _ pra fazer o registro (respondendo de costas e abaixando a cabeça)
Mateus: _ Seu Luca, e o nosso contrato?
Luca: _ essa semana a gente vê isso.
Mateus: _ Seu Luca, com todo respeito, é que nós veio caçar emprego certo, com contrato assinado.
Luca: _ vou falar com o RH. (com um sorriso levemente irônico).

Fonte: Organizado pela autoria com base em 7 Prisioneiros (2021).

É importante ressaltar que o “sorriso irônico” inserido no contexto fílmico revela intrinsecamente a intenção do diretor em denunciar as amarras do Sistema Capitalista, que no decorrer do filme se desvelará. Apreende-se neste contexto fílmico tanto a inocência do ser social alienado de sua consciência crítica, como a impressão hegemônica da cultura de proletário, definida pela troca da sua força produtiva pelo salário e pelas garantias sociais. A ironia do contratante é o riso do massacre humano, que se antecipa à exploração, é intencional.

Mais que isso, à luz de Williams, percebe-se na cena todas as implicações culturais existentes dentro dela, que ora revelam a realidade brasileira da categoria Trabalho e ora revelam os picos de lucidez dos seres sociais em suas individualidades. Essa dicotomia não retira da cena o que é pertinente e comum a todos os seres sociais, pois ambas implicam diretamente no processo coletivo. Essa apreensão reforça a teoria de Williams (1989 *apud* Cevasco 2001) de que o vernáculo cultura possui dois sentidos imbricados em si mesmos, a vida comum apreendida em significados gerais e a vida aprendida e expressa nas artes como maneiras de ressignificação, o que exige desvelamento e empenho criativo.

## **PRECARIIDADE DA VIDA COMO INSTRUMENTO PARA A EXPLORAÇÃO**

Marx e Engels (2012) afirma que a burguesia no capitalismo produz seu próprio coveiro, contudo vamos aqui decompor tal afirmativa: onde o coveiro são os próprios trabalhadores e o ato da criação desses, remete ao modo de produção, que degrada e deteriora o trabalhador e sua vida, isso é o que Marx acredita ser o fator aglutinante dessa classe para a tomada de consciência e a derrubada do sistema capitalista, um verdadeiro funeral. Contudo esse processo ainda permanece inerte, e muitas vezes desarticulado por estratégias da classe dominante, o que amplia cada vez mais uma precariedade das condições de vida da classe trabalhadora que possui apenas o mínimo para subsistir e contribuir com a expansão do capital. Essas condições e estratégias são visíveis no trecho a seguir:

Quadro 4 – Diálogo sobre a precarização da vida.

Samuel: _ como tá esse colchãozinho de princesa aí, heim?
Mateus: _ tá melhor que lá em casa.
Ezequiel: _ nunca dormi em cama.
Mateus: _ tu dorme onde?
Ezequiel: _ na rede.
Samuel: _ nossa, odeio rede.
Mateus: _ é, não gosto muito de rede também, não.
Ezequiel: _ cama é melhor mesmo.

Fonte: Organizado pela autoria com base em 7 Prisioneiros (2021).

O diálogo do quadro 4 acontece no momento em que os jovens chegam para descansar do primeiro dia no alojamento, onde é percebido que mesmo as condições do local sendo precárias, conforme constatado na visita dos fiscais do Ministério do Trabalho, é melhor do que a realidade que eles tinham no interior, o que de alguma forma se torna um fator positivo que pode descaracterizar a primeiro momento uma situação degradante, garantindo as condições necessárias para a manutenção da exploração, pois, “[...] para que uma classe possa ser oprimida, é preciso que lhe sejam asseguradas condições sob as quais ela possa ao menos levar sua existência servil” (Marx; Engels 2012, p. 57). A precarização em que um dos jovens se encontra é sem dimensões, chegando ao ponto de que Isaque não consegue responder para os amigos qual é a sua idade.

Na perspectiva de Williams (1989 *apud* Cevalco, 2001) questionar sobre a cultura é o mesmo que questionar coletivamente a nossa própria comunhão significativa (propositiva comunitária) e ao mesmo tempo questionar os significados individuais de caráter profundo, já que não se pode entender a cultura como um processo individualizante, pois a cultura pertence a todos não importando o tipo de sociedade ou as maneiras de pensar. Dessa forma, percebe-se que o filme se propõe a uma narrativa que não ignora a cultura interiorana, de labor rural e simplista; que iludido pelas promessas de um futuro melhor, mais profícuo, objetivado no consumo da vida glamorosa prometida, parte para a cidade grande em busca do que, na verdade, não precisam.

Ao mesmo tempo expõe a fragilidade humana nos contextos rurais que obrigam os jovens ao êxodo migratório, já que as desigualdades sociais preposicionadas e aferidas pelo Sistema Capitalista impõe o trabalho árduo, sem políticas públicas que garantam aos trabalhadores interioranos alteridade. A construção de vias dolorosas das quais os homens já não podem mais escapar, afinal; a intensificação das teorias de consumo, o aprofundamento das necessidades de sobreviver na selva de pedra, a venda da propaganda que mantém o status quo de obter um lugar ao sol, ser dono de seu próprio negócio e livre de patrão estão presentes. O Capital apropria-se do desejo mercadorizado da classe-que-vive-do-trabalho em exterminar as relações tradicionais de trabalho, antes já imposto; justamente pela sensação de já ser explorado e fomentam ideias de autossustentação e autonomia.

## PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO

Na chegada dos jovens ao ferro velho e logo no primeiro dia fica bem claro a ausência de uma jornada de trabalho definida, com a preocupação do tomador de conta em estabelecer tão somente o horário de início dos trabalhos, sendo enfático em dois momentos. Ressalta-se que em outros trechos do filme o salário dos trabalhadores seria pago por entregas, sem a delimitação de um piso mínimo, deixando-os à sorte das necessidades do proprietário que definiria a quantidade de entregas e quando elas seriam realizadas, podendo ser em horários noturnos e até mesmo em finais de semana.

Quadro 5 – Diálogo sobre as condições de trabalho.

Luca: _ amanhã tamo com sete entrega pra fazer, começa às cinco.
Mateus: _ Seu Luca e a janta?
Luca responde já com um ar de irritação com tantos questionamentos de Mateus: _ tem um PF bom ali na esquina. Toma vintão pra vocês. AMANHÃ É CEDINHO.
No dia seguinte, no final do dia de trabalho, a cena passa do último caminhão sendo fechado para uma conversa no telefone entre Mateus e sua mãe Ana que acaba com o fim dos seus créditos e o foco no horário de 21 horas e 40 minutos.

Fonte: Organizado pela autoria com base em 7 Prisioneros (2021).

Observa-se que assim como a informalidade, outro elemento que, pela ótica da classe dominante, é uma estratégia para aumento da produtividade e; conseqüentemente, o aumento de capital que geraria mais postos de trabalho e diminuiria o desemprego, melhorando as condições de vida dos trabalhadores, é a flexibilização trabalhista, argumento este, que foi utilizado para a aprovação de retrocessos dos direitos duramente conquistados no Brasil, que na prática não muda nada, apenas garante meios de expandir os ganhos do Capital e tornar a rotina do trabalho cada vez mais precária. Assim, o argumento de que o aumento dos postos de trabalho traria um avanço social, é derrubado pela conclusão de (Krein *et al.*, 2018, p. 63):

[...] a redução de custos de trabalho, além de não resolver o problema econômico do país, traz imensas dificuldades para construir um país com inclusão social e proporcionar a todos os membros da sociedade a possibilidade de usufruir dos resultados do progresso técnico.

Nota-se que dentro da sociedade do Capital há a predominância de uma forma de se organizar as coisas, um sistema cultural hegemônico. Não se pretende julgar as aparências do valor conceitual, mas observar a gênese da sociedade enquanto “corporação” em Gramsci, cujo subordinado se opõe ao dominador ou enquanto “corporativo” em Williams (2011a), já que para este autor o sistema central dominante implica diretamente na ação dos homens; porque estes agem sob a influência da hegemonia cultural dos significados e valores, em sua concretude, ou seja; eles são organizados, apreendidos e vividos pelos homens. Para entender como funciona uma cultura hegemônica deve-se compreender o processo social real em que ela acontece na prática. Esse processo é chamado de

incorporação, as formas pelas quais os indivíduos apreendem a cultura e se apropriam dela como verdade.

Os processos de educação; os processos de uma formação social muito mais ampla no seio de instituições como a família; as definições práticas e a organização do trabalho, a tradição seletiva em um plano intelectual e teórico: todas essas forças estão envolvidas no contínuo fazer e refazer de uma cultura dominante eficaz, cuja realidade, como algo vivido e construído em nossa vida, delas depende (Williams, 2011a, p. 54).

No caso do filme os trabalhadores agem e tomam por natural a cultura da exploração, carregando em sua prática a subordinação ao trabalho, embora, aos olhos do telespectador, estes pareçam desumanos, àqueles homens reagem naturalmente aos desmandos do empresário. Em Marx (2010), verifica-se na ação deles o assim chamado estado de alienação, cujo indivíduo se auto aliena do trabalho na concretude, pois está mediado nesse processo pelas institucionalizações, pela manutenção do automatismo e da passividade da ação, que se personificam na forma do trabalho assalariado, da moeda, do valor, dos grandes proprietários, do lucro, etc. É o chamado estranhamento de sua própria produção (Mészáros, 2017), que se desenha na cultura hegemônica de que o patrão possui o poder, porque também detém o Capital. É, portanto; significado intrincado, imbuído e assimilado por determinação.

## DÍVIDAS CONSIGNADAS NO SALÁRIO

O diálogo desenvolvido logo no início do trabalho dos jovens no ferro velho traz para a discussão fílmica o binômio “trabalho x vida”, como pode ser observado no quadro abaixo.

Quadro 6 – Diálogo sobre a transformação do trabalho em mercadoria.

Os jovens estão almoçando quando Luca chega:
Luca: _ olha tem mais duas entregas para fechar hoje. Acelera aí. (dando duas batidinhas na mesa intensificando a urgência).
Mateus: _ ainda não terminamos nosso almoço, Seu Luca.
Luca: _ AH EH! E nem as entregas. Estamos atrasados, como fica?
Mateus: _ fizemos mais de trinta entregas essa semana e não recebemos nada. O senhor me desculpa, mas vou terminar meu almoço.
Samuel: _ com todo respeito, Seu Luca, a gente ... (Mateus o interrompe já com o tom de voz mais alto):
Mateus: _ quando nós aceitou o trabalho do Gilson, ele falou que nós ia receber por entrega. Fizemos horas extras e ainda não recebemos nada.
Luca: _ vocês não receberam? E eu? Quem é que pagou o adiantamento pra família de vocês? Quem é que tá bancando o aluguel do dormitório? Comida, transporte, todos os gastos de vocês? Acha que sai barato? Claro que vocês vão receber. É só pagar o que me deve. Até lá vou descontando tudo do salário de vocês.
Mateus: _ ninguém falou nada de dívida.
Luca: _ aí o problema não é meu.

Fonte: Organizado pela autoria com base em 7 Prisioneros (2021).

Assim para os trabalhadores a vida é atrelada à capacidade e possibilidade de venda de sua força de trabalho, seja na condição apresentada no filme, onde é visível a relação de opressão com a materialização de uma dívida que nada mais é do que o mínimo necessário para sua “existência animal” (Marx, 2010, p. 24), seja no cotidiano de um trabalhador formal, que vende sua força de trabalho por um salário base, que na maioria das vezes é o mínimo necessário para garantir suas condições de reprodução do capital, “[...] o trabalho é vida, e se a vida não se permutar todos os dias por alimentos, sofre, e em seguida, perece. Para que a vida de um homem seja uma mercadoria é preciso, portanto, admitir a escravidão” (Marx, 2010, p. 36), deste modo a arte reproduz a vida da sociedade do trabalho.

## HUMANIZAÇÃO DA EXPLORAÇÃO

Para se conseguir maior ampliação do lucro é necessário a ampliação da mais-valia, assim a apropriação do trabalho se torna imprescindível. No filme temos cenas que mostram possibilidades de conseguir extrair mais comprometimento do trabalhador como nos diálogos abaixo que denotam claramente mais uma forma de alienação, no momento em que Luca mesmo tendo retirado dos jovens o direito de tomarem banho, de saírem do ferro velho, de se comunicarem com seus familiares, leva cervejas pra eles.

Quadro 7 – Diálogo que denota a tentativa de humanização da exploração.

Luca: _ pra vocês, (4 cervejas), essa semana rendeu.
Mateus: _ nós precisa de banho.
Luca: _ vai, vai ou não? (todos se levantam e a cena seguinte é de satisfação dos jovens tomando banho).
Isaque: _ vou passar a faca nesse arrombado e sair daqui.
Mateus: _ você sabe o que vai acontecer se nós fizer isso?
Isaque: _ morto ele não vai atrás de da família de ninguém.
Mateus: _ ele não tá sozinho.
Isaque: _ nós também não tá, nós somos quatro contra um, hein? Vocês são uns merda, vou fazer tudo sozinho.
Mateus: _ então você vai matar ele sozinho?
Isaque: _ vou.
Mateus: _ você vai sair daqui sem nossa ajuda? E depois Isaque qual é o teu plano? Você acha que eles não vão atrás da tua família? Da tua mãe, da tua irmã?
Isaque: _ não fala da minha irmã.
Mateus: _ você não tem um plano, eu tenho! Nós vai fazer um acordo com ele, e nada vai acontecer nem com nós nem com nossas famílias.
Isaque: _ eu não vou fazer acordo nenhum, estão se vendendo por um banho, seus covardes.

Fonte: Organizado pela autoria com base em 7 Prisioneros (2021).

Em outra cena, Luca dá dois cigarros para Mateus que é usado por este para estabelecer uma conversa com Samuel para o persuadir de que o acordo, para produzir mais e diminuir a dívida, pode dar certo e Samuel convencer o restante do grupo. Assim como na cena do jogo de futebol em que todos estão se divertindo em conjunto, exploradores e



explorados, que é interrompido com a visita dos fiscais do Ministério do Trabalho. Desta forma, diante da fiscalização Mateus não só responde as perguntas como também ajuda Luca com um discurso que deixa os fiscais satisfeitos, não vendo nas precariedades encontradas situações que configuram trabalho escravo ou em condições degradantes que levariam ao fechamento do local e o fim de sua situação de exploração.

O recurso de humanização da exploração é tão constante, que pode chegar a se confundir com melhorias reais das condições de trabalho, mas tão somente pelo explorado, pois a classe dominante tem seus objetivos bem estabelecidos: o lucro, isso se dá tão somente pela mudança que o sistema de produção capitalista impõe na forma com que o trabalhador se reconhece, ele passa a se reconhecer como mercadoria, se torna um homem alienado de sua natureza e assim também alienado de outros homens, (Mészáros, 2017), o que proporciona uma facilidade da integração deste, pelos objetivos da classe dominante. Nesse sentido, quando Mateus já estava na função de confiança de Luca, ele se vê na situação de dar fim a toda exploração com a arma de fogo na mão no instante em que Luca dormia, porém decide apenas sair e levar lanche para os seis prisioneiros, reproduzindo o que Luca fez com a liberação dos banhos, encerrando com a frase “[...] come rápido aí, que tem entrega pra chegar, bora” (7 Prisioneiros, 2021).

Observa-se que existem paralelamente a cultura dominante, práticas, vivências, valores e significados variáveis, que não coadunam com a mesma. Williams (2011a) vai afirmar que existem duas forças em coexistência à cultura hegemônica: 1) uma cultura alternativa e 2) uma cultura opositora. Há, nesta narrativa do quadro 7, evidências destas culturas variáveis, pois denota-se a ânsia de “Isaque” pela revolução em oposição ao dominador, ou contra hegemônica à crença de que o poder esteja nas mãos de quem domina. Observa-se a dialética existente no discurso das personagens, ou seja; há possibilidades de revolução, mas estes preferem negociar com a cultura hegemônica, fazendo a manutenção do sistema corporativo na expressão: “Nós vai fazer um acordo com ele...” (7 Prisioneiros, 2021).

## **MERCADORIZAÇÃO DO TRABALHADOR**

A obra perpassa a relação de trabalho e capital, perceptível na conversa entre os protagonistas transcrita no quadro 8, sobre a origem dos homens e mulheres que estão subjugados no esquema de tráfico de pessoas.

Quadro 8 – Cenas que evidenciam a coisificação dos trabalhadores.

Depois de negociarem a venda de duas mulheres e comprarem mais três trabalhadores para o ferro velho, dentro da Van pela cidade, Mateus questiona Luca:
Mateus: _ como eles chegaram aqui?
Luca: _ avião, ônibus, navio. Igual a tudo que a gente compra.
Mateus: _ tem muitos?
Luca: _ o suficiente para manter a cidade de pé.
[...] então Luca muda o assunto e direciona-se para o resultado do trabalho deles...
Luca: _ tá vendo aquilo ali? (apontando para os postes da cidade), Fio de cobre que vem tudo lá do ferro velho. Aí. Olha o teu trabalho aí na cidade.
A câmera passeia pelas fiações, antenas de celulares e de transmissão, pelas linhas de trem, e por fim, por toda cidade iluminada, nos prédios e casas, todas conectadas por fio.

Fonte: Organizado pela autoria com base em 7 Prisioneros (2021).

O diálogo, como se pode observar, subitamente é direcionado para o resultado da exploração, ou seja, o produto final e sua função social, fazendo com que a exploração faça certo sentido e justifique sua continuidade e aprofundamento, nem que seja para a parte dominante. O produto final, totalmente alienado de seu processo de produção, exerce uma função tão vital, que não pode ser questionado pelos seus consumidores que cumprem um papel fundamental para a manutenção dessa ordem. Essa análise corrobora com os estudos de Marx e Engels (2012, p. 51) que afirma “[...] trabalhadores, precisam se vender a varejo, são uma mercadoria como qualquer outro artigo vendido no comércio, sujeita, portanto, a todas vicissitudes de concorrência e a todas as oscilações do mercado”.

Pode-se afirmar que através do trabalho precarizado surge um novo tipo de dominação, que estabelece o sentimento de insegurança generalizado e contínuo no trabalhador. A consequência desta nova forma de domínio é o aceite da exploração institucionalizada (Bourdieu, 1998 *apud* Druck; Borges, 2002). Nesse sentido, a precariedade das condições de vida dos trabalhadores aliada à precariedade das condições de trabalho em suas infinitas manifestações são condições sine qua non para a exploração do trabalho e apropriação de mais valor, chegando em casos recorrentes de trabalho análogo à escravidão.

Diante dos contextos apresentados no filme, compreende-se a importância dos questionamentos de Williams (1986 *apud* Cevasco, 2001) sobre o valor da arte e de como esta pode contribuir negativamente para a manutenção de rótulos hegemônicos, quando apresentam os explorados como seres degradados validando os exploradores, ou o seu contrário. Seu questionamento propõe ruptura com as maneiras redutoras e sem valor de apresentar a vida dos seres sociais e conclama a teoria combatente às racionalizações negacionistas por intermédio da análise da realidade, de suas estruturas e de seus sentimentos reais. A teoria de Williams, portanto; possibilita o trabalho social de valor essencial para a crítica, já que os estudos culturais abrem caminho para a crítica de luta, que objetiva compreender como as estruturas sociais estão funcionando para então transformá-las.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a importância dos filmes como produção cultural que denuncia ou reitera a manutenção de processos excludentes e compreendendo as dimensões da cultura expostas ao telespectador, que podem tanto despertar a consciência crítica, como consolidar conceitos hegemônicos da cultura analisa-se criticamente que filmes como os “7 Prisioneiros” são grandes contribuições para a crítica social. Este em particular porque apresenta na ótica do trabalho as contradições dialéticas existentes dentro da cultura social.

O filme evoca aspectos básicos, como a categoria “Trabalho” em seu sentido ontológico, e às relações de precarização que o perpassam no cotidiano da sociedade capitalista. As cenas reproduzem uma realidade nítida e viva em toda dinamicidade da vida do trabalhador em relação a ele mesmo e a sociedade, que contribuem para a compreensão da evolução cultural que culmina nas formas mais cruéis de exploração do trabalho humano. Tanto em Marx, quanto em Williams pode-se à luz da teoria refletir criticamente que o homem tem suas bases sociais pautadas nos processos coletivos e a priori de sua relação direta com a natureza. No entanto, essas condições se modificam na medida em que a própria natureza é modificada. Novas formas interacionais surgem e iniciam processos de relação cada vez mais complexas. No entanto, elas nunca deixam de ter o princípio primário da sobrevivência de si e de sua prole.

As determinações sociais evoluem de tal forma que criam novas necessidades. Estas necessidades podem ser ditas como criadas pelos homens, como são as regras sociais, as convenções políticas e econômicas e a institucionalização da vida mercantilizada. Em nenhum momento essas necessidades se desconectam da própria cultura que se estabelece dentro da vida do ser social. E, portanto, é impossível separar os homens de seus sentidos e significados apreendidos dentro desses processos de evolução cultural. Afinal, o próprio Capital é aparato cultural que transmite uma cultura geral.

Williams amplia a conceituação para a compreensão de uma totalidade humana que não exclui as subjetividades mais profundas, compreendendo que os seres sociais são o produto de toda a cultura existente. E que a cultura não pode ser afastada do processo humano como princípio heterogêneo, pois isso corrobora para uma fragmentação da produção humana. Logo, as artes são uma produção capaz de transmitir e produzir cultura, bem como modificar cultura e transformá-la na medida em que acessa aos homens, levando-os ao despertar de sua consciência crítica. Isso retorna o homem a sua própria gênese.

O filme “7 prisioneiros” apresenta um ciclo vicioso do qual o ser social aparentemente não pode escapar. Talvez a película possa de alguma forma despertar nos outros seres sociais o mesmo sentimento, o de amoldamento, ou ao contrário; despertar a revolução existente dentro de cada indivíduo, pois a todo instante o filme aponta o homem para a sua gênese revolucionária e o coloca entre a decisão de enfrentar o medo ou de se acovardar.

Em sua evolução humana o ser social deseja lutar pela sua liberdade, e também pela liberdade do outro. A partir de suas interações sociais que dão base as funções mentais superiores o mesmo indivíduo poderá reproduzir os seus medos, cujas formas serão variadas. No entanto será a necessidade máxima de cada psiquismo na correlação dos fatores biológicos, históricos e culturais que determinarão a decisão da ação final, pois essas correlações são preponderantes para as questões que envolvem afeto e personalidade. Fatidicamente, no filme, vence a adaptação progressiva da sobrevivência individual, essa já determinada pela gênese social da hegemonia política e econômica do Capital, que acovarda os homens, que não lutam mais até a morte pela sobrevivência coletiva.

Reitera-se a categoria central do Trabalho e como este é a base de toda a constituição de uma sociedade. Não há como fugir das relações existentes no mundo do trabalho, porque é ele que determina a sobrevivência humana. Enfim, apreende-se que os estudos do trabalho são muito importantes para que estas relações possam ser transformadas, no entanto esses estudos não devem ficar no campo das abstrações, mas devem ser colocados em prática. Salienta-se que não se pretendeu esgotar todas as análises possíveis desta película, mas demonstrar como o estudo fílmico serve para o desenvolvimento da reflexão crítica a partir do cinema e para a produção cultural revolucionária com vistas a transformação social.

## REFERÊNCIAS

**7 PRISONEIROS.** Direção de Alexandre Moratto. Produção de Fernando Meireles e Ramin Bahrani. São Paulo, SP: O2 Filmes Publicitários Ltda, 2021. Distribuído por Netflix (93 min).

**ADOROCINEMA: crítica do adorocinema, crueldade da exploração humana.**

Entrevistador: Bruno Botelho. Entrevistados: Alexandre Morato, Cristhian Malheiros e Rodrigo Santoro. [S. l.: S.n], 2021. Disponível em:

<https://www.adorocinema.com/filmes/filme-289512/criticas-adorocinema/>. Acesso em: 10 jan. 2022.

ANTUNES, R. L. C. **Os sentidos do trabalho:** ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. Apêndices à primeira edição, n. 3 - As metamorfoses e a centralidade do trabalho hoje. 2.ed. São Paulo, SP: Boitempo, 2009.

ANTUNES, R. L. C. **Os Sentidos do Trabalho:** ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. Introdução. 2.ed. São Paulo, SP: Boitempo, 2009.

CASEMIRO, P.; MOREIRA, M. Vinícolas pagarão R\$ 9.661 em indenização a cada trabalhador resgatado em condição de escravidão no RS. **Site G1 Notícias.** São Paulo, SP, 10, mar. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2023/03/10/vinicolas-pagarao-r-9661-a-cada-trabalhador-em-indenizacao-por-trabalho-escravo.ghtml>. Acesso em: 17 ago. 2023.

CEVASCO, M. E. **Para ler Raymond Williams.** São Paulo: Paz e Terra, 2001.

DRUCK, G.; BORGES, A. Terceirização: balanço de uma década. **Cadernos CRH**, Salvador, n. 37, p. 111-139, 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/crh/article/view/18604/11978>. Acesso em: 23 fev. 2024.

FRANCO, D. S.; FERRAZ, D. L. S. Uberização do trabalho e acumulação capitalista. **Cad.EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 17, n. spe, p. 844-856, nov. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cebape/a/9NJd8xMhZD3qJVwqsG4WV3c/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 fev. 2024.

GLASER, A. Prefácio. In: WILLIAMS, R. [1921-1988]. **Cultura e Materialismo**. Tradução: André Glaser. São Paulo: UNESP, 2011.

GOURNET, T. **Fordismo e toyotismo**. São Paulo: Boitempo, 1999.

GUGLIELMELLI, A. **7 Prisioneiros**: revelado se filme da Netflix é baseado em caso real. (2021). Disponível em: <https://observatoriodocinema.uol.com.br/filmes/2021/11/7-prisioneiros-revelado-se-filme-da-netflix-e-baseado-em-caso-real>. Acesso em: 17 jan. 2022.

GUIMARÃES, P.; BAUTE, L. F. A contribuição do materialismo cultural de Raymond Williams aos estudos de cinema. Dossiê Comunicação e Estudos Culturais. **Parágrafo**, v. 7, n. 1, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/919/622>. Acesso em: 23 fev. 2024.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.

KREIN, J. D.; ABÍLIO, L.; FREITAS, P.; BORSARI, P.; CRUZ, R. Flexibilização das relações de trabalho: insegurança para os trabalhadores. **Revista do Tribunal Regional do Trabalho da 15ª Região**, Campinas, n. 52, p. 41-66, jan./jun. 2018. Disponível em: [https://juslaboris.tst.jus.br/bitstream/handle/20.500.12178/141969/2018\\_krein\\_jose\\_dari\\_fl\\_exibilizacao\\_relacoes.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://juslaboris.tst.jus.br/bitstream/handle/20.500.12178/141969/2018_krein_jose_dari_fl_exibilizacao_relacoes.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em: 23 fev. 2024.

MARX, K. **O capital**: crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital. Tradução: Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, K. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**: tradução, apresentação e notas de Jesus Ranieri. - [4ª. reimpressão]. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista**. Tradução Sérgio Tellaroli; posfácio de Marshall Berman; revisão técnica Ricardo Musse. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

MEDEIROS, C. R. O.; VALADÃO JUNIOR, V. M.; POSSAS, M. C. “Quem mais veste Prada?” Psicopatas corporativos e assédio moral no trabalho. **Revista ADM. MADE**, v. 19, n. 1, p. 102-122, 2015. Disponível em: <https://mestradoedoutoradoestacio.periodicoscientificos.com.br/index.php/admmade/article/view/961/646>. Acesso em: 23 fev.2024.

MELO NETO, A. P. Teletrabalho: novas formas de subsunção do trabalho ao capital? **Cadernos do CEAS**, v. 223. jul./set. 2006. Disponível em: <https://cadernosdoceas.ucsal.br/index.php/cadernosdoceas/article/view/164/144>. Acesso em: 23 fev. 2024.

MÉSZÁROS, I. [1930]. **A teoria da alienação em Marx**. Tradução: Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2017.

PAIXÃO, A. H.; TREVISAN, A. R. Cinema educativo em cena: Raymond Williams, análise fílmica e produção de um saber. **ETD- Educação Temática Digital Campinas**, São Paulo, v. 21, n. 3, p. 738-759, jul./set. 2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8652292/21000>. Acesso em 23 fev. 2024.

PASSOS, G. **Quase mil pessoas são resgatadas de trabalho escravo no Brasil em 2020**. Brasília, 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/direitos-humanos/audio/2021-05/quase-mil-pessoas-sao-resgatadas-de-trabalho-escravo-no-brasil-em-2020>. Acesso em: 10 jan. 2022.

PAULO NETTO, J. **Introdução ao estudo do método de Marx I**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

PENAFRIA, M. **Análise de filmes – conceitos e metodologia(s)**. VI Congresso SOPCOM, Abril de 2009. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-penafria-analise.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2022.

ROSA, K. L. R.; SOUSA, D. C. C.; TOLEDO, D. A. C.; GUERRA, A. C. Nova pandemia, antiga tragédia: um olhar para a exploração dos entregadores uberizados. **Princípios**, v. 40, n. 162, p. 329-354, 2021. Disponível em: <https://revistaprincipios.emnuvens.com.br/principios/article/view/109/78>. Acesso em: 23 fev. 2024.

SILVA, J. B. Trabalho escravo no Lollapalooza: caso vai ao Ministério Público Federal. **Revista Veja**, São Paulo, 27 mar. 2023. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/maquiavel/trabalho-escravo-no-lollapalooza-caso-vai-ao-ministerio-publico-federal>. Acesso em: 17 ago. 2023.

VÁZQUEZ, A. S. **Filosofia da Práxis**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

WILLIAMS, R. [1921-1988]. **Cultura e Materialismo**. Tradução: André Glaser. São Paulo: UNESP, 2011a.

WILLIAMS, R. [1921-1988]. **Política do Modernismo**. São Paulo: UNESP, 2011b.

**AUTORIA:**

\* Graduação em Psicologia pela Universidade Paulista. Mestrando pelo Centro de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação da Universidade Estadual de Campinas. Contato: damarismelgaco@gmail.com

\*\* Mestrado pelo Centro de Pós-Graduação e Pesquisa em Gestão Pública e Sociedade da Universidade Federal de Alfenas. Assistente Social efetivo da Prefeitura Municipal de Boa Esperança - MG. Contato: luis.ronaldo@sou.unifal-mg.edu.br

\*\*\* Doutorado em Administração pelo Centro de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração da Universidade Federal de Minas Gerais. Professor titular da Universidade Federal de Alfenas – Campus Varginha. Contato: dimitri.toledo@unifal-mg.edu.br

**COMO CITAR ABNT:**

MELGAÇO, D. da C. A.; SANTOS, L. R. dos; TOLEDO, D. A. da C. Trabalho & cinema: correlações culturais na análise fílmica de “7 prisioneiros”. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 24, p. 1-23, 2024. DOI: 10.20396/rho.v24i00.8674334. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8674334>. Acesso em: 19 abr. 2024.

**Notas**

---

<sup>1</sup> A transcrição dos trechos manteve a integralidade das falas respeitando o modo simples de falar das personagens que em alguns casos não seguem a norma culta e algumas concordâncias gramaticais.